

Formação e gestão inovadoras na era da transformação digital: abrangência, significados e relações.

Transformações Digitais: Potencialidade e Sujeição

Marcelo Micke Doti¹

Resumindo, diante de sua possibilidade tecnológica, poderia certamente fazer qualquer coisa, como, por exemplo, colocar-nos ao lado de nossos próprios sócias.

(Stanislaw Lem, *Solaris*, p. 119)

Resumo – Este artigo tem como finalidade mostrar o sentido complexo das transformações digitais e como as mesmas articulam-se a outros processos de inovação, desenvolvimentos científicos e tecnológicos (tecnociências) gestados desde a II Grande Guerra. Desta maneira coloca o tema do workshop às avessas para melhor dialogar com o mesmo. Posteriormente a estas indagações inicialmente demonstradas apresentar o panorama no qual as respectivas transformações digitais agem como lugares de poder: poder de potencializar a interação social ou se realizar como novas formas de dominação e sujeição.

Palavras-chave: sujeição, tecnociência, potencialidade.

Abstract – This article aims to show the complex meaning of digital transformations and how they articulate to other processes of innovation, scientific and technological developments (technosciences) since the Second World War. This way, the workshop theme is turned upside down to better dialogue with it. Subsequent to these initial investigations we present the panorama in which the respective digital transformations act as places of power: power to enhance social interaction or to realize as new forms of domination and subjection.

Keywords: subjection, technoscience, potentiality.

1. Introdução

A citação inicial deste artigo não é casual. Aliás, nunca o é. Nenhuma citação deveria sê-lo. Claro, há momentos em que a mesma aparece como bela,

¹ CPS, Fatec/Mococa, professor e pesquisador. E-mail: marcelo.micke@uol.com.br

como incisiva, sarcástica, elogiosa e tantas outras finalidades. No entanto, seja qual for o motivo ela, sem o perceber, constrói simbolicamente um campo semântico de conceitos, ideias e significados naquele que lê o trabalho, seja este um artigo, ensaio, livro, etc. Sem o perceber, às vezes, é isso que o autor faz. Certamente a grande maioria intenciona construir esse campo de conceitos e significados no leitor. O mesmo se dá aqui sem surpresa: a citação possui uma finalidade dentro do tema proposto para o respectivo encontro (XIII Workshop) bem como no presente artigo. Deixaremos para breve a exposição do motivo e o campo de articulações tecidas pela citação e sua importância. Deveremos expor algumas outras problemáticas inicialmente.

Como em qualquer seminário, congresso, workshop, o tema proposto se desenrola em potencialidades. Neste caso um “filão” é muito interessante como abordagem, um ramo que é a própria transformação digital e suas consequências. A gestão e a formação inovadoras não antecedem as transformações digitais, mas a seguem. Colocado de outra forma, é preciso pontuar as temáticas, dedilhá-las delicadamente para não transformar um tema em um amontado de letras ou um belo nome para um congresso. É dever palmilhar o primado e o efeito. Em outra oportunidade já dissemos que não se pode ser exato em termos de linguagem sem a matemática. No entanto o corolário disso é fantástico: não se faz ciência sem a indagação que escapa à matemática. Poder-se-ia começar a juntar “peças” de nossas problemáticas e colocar uma outra: a inovação não ocorre como domínio exato, mas como processos inventivos a escapar do real.² Não se trata de invocar o “gênio” – categoria problemática dentro da tradição cultural e política do romantismo (ROMANO, 1981) – e sim tocar em tema caro aos processos de inovação: ela não ocorre sem muito estudo, labor, percepção e doses maciças de escapatória do senso comum, daquele fundo de repetição social que é o “faço como todos fazem”.

Nossa problemática é outra neste momento para desenrolar os fios do artigo. Ainda que o tema da inovação seja, sob o ponto de vista referido acima, interessante³, outros caminhos são nossos objetivos. Dizíamos sobre causa e efeito: só de referir a estes dois conceitos corre-se o risco de associar um determinismo e “mecanicismo” não contingentes na exploração dos domínios

² O real e a realidade inserem-se como campos interessantes na psicanálise de Lacan, mas também na filosofia. George Bataille é quem colocava essa questão como “heterologia” do conhecimento humano. Por *heterologia* deve-se compreender a incapacidade humana de experienciar o real, não a realidade. A realidade sim, é possível falar e dela fazer ciência: a realidade social, da física, do conhecimento mecânico, etc. É dentro destas brechas e incômodos que a ciência se desenvolve dentro de horizontes discursivos possíveis. Aquela fórmula fácil e vulgar do senso comum – a ciência vai continuamente deixando todos os campos do conhecimento acabados e chegará um momento em que nada se poderá conhecer – é tão fácil mesmo que beira à estupidez. Aliás o senso comum é ótimo nisso. Não nos debruçaremos mais sobre isso uma vez que o assunto é rico, mas escapa ao tema proposto. Algumas indicações sobre a ciência e sua filosofia são desde os clássicos de Kuhn, Feyerabend, bem como Plastino e Boaventura de Sousa Santos.

³ No XII Workshop do CPS realizado ano passado tivemos oportunidade de expor o tema da inovação. Cabe fazer apenas um adendo: há problemáticas complexas e questionamentos sobre o sentido e o que é inovação. Além do que toda palavra elevada a conceito se embrenha em um campo do ideológico e deixamos apenas como pergunta: qual o campo ideológico do conceito de inovação?

sociais, históricos e políticos. O sentido dessa colocação é questionador: dentro das transformações digitais quais as potencialidades da inovação e da gestão. Inverte-se o tema e põe-se a primazia no campo das transformações tecnológicas digitais e informatizadas. É a questão maior aqui referida: quais as consequências postas pelas transformações tecnológicas digitais.⁴ E ao contrário do indicado no título não se trata do bom, velho, decaído e bastante questionável intelectualmente senso comum de fazer um rol do que é “positivo” e “negativo”. O título deste artigo poderia sugerir isso. Mas é um “nó” no senso comum que se pretende.

Só é possível inscrever problematizações sobre “positivo” e “negativo”, “vantagens” e “desvantagens”, quando se está dentro de uma mesma linha de estruturas de constituição da realidade. Significa dizer, os mesmos campos de forças sociais, de discursos políticos, de lutas e conflitos, de capacidade de hegemonizar configurações da sociedade. Se essas estruturas não forem devidamente percebidas o que se faz é comparar desiguais: por isso questionável intelectualmente inserir dessa maneira o assunto. Além disso, em termos de discurso essa forma de levantar questionamentos é uma espécie de não-ideologia ideológica; faz-se parecer isento ou apenas imparcial quando, na verdade do discurso, tentar se colocar em uma “torre de marfim” já é uma postura ideológica e social: enquanto pondero a realidade continua correndo por inércia e aquilo que domina pode continuar dominando.⁵

Antes de prosseguir necessita-se ainda explicar a citação e o campo simbólico em conceitual em que a mesma se insere como advertido no início.⁶ No livro de Lem há muitas passagens interessantes neste sentido, ou seja, o deslumbramento diante da tecnologia e seus potenciais, suas possibilidades, a conquista de novos mundos, enfim, um imaginário no qual nos acostumamos a nos inserir e por esse caminho inscrevermo-nos dentro de determinada compreensão da tecnologia e do outro para lá da tecnociência, ou seja, o que

⁴ Importante, senão, essencial: o digital só se torna possível dentro de um contexto de transformações tecnológicas e científicas (a tecnociência) após a II Grande Guerra. Uma pesquisa qualquer e rápida mostrará em qualquer página do Google a polissemia do digital. Essa polissemia é, neste caso, ou seja, deste artigo e do Workshop recortada dentro do contexto da informática, das transmissões de dados e das tecnologias da comunicação. todo esse contexto da tecnociência não seria possível sem a microeletrônica. Assinala-se por este caminho, o campo grande de articulações inovadoras e científicas do significado do digital.

⁵ Além disso esse procedimento de aventar pontos “positivos” e “negativos” é fórmula consagrada do ensino didático pré-universitário e, por isso, bastante questionável intelectualmente quando temos que colocar as problemáticas em outro patamar de especulação e desenvolvimento do conhecimento, ou seja, aquele típico da academia.

⁶ E não nos aproximaremos sequer de explicitar tudo o possível sobre isso e diferentes versões sobre a tecnologia e seu campo literário na ficção científica. Por quê? Pois ao pensar nesse campo literário e na tecnologia, sua visão ideológica dentro da própria ficção científica, há um campo quase infinito de investigações e, no caso presente, de análises do livro de Lem – *Solaris* – assim como comparações entre o livro de Lem e a ficção científica tradicional de boa parte do século XX, idólatra da ficção científica. Também comparação entre o filme *Solaris* dirigido por Andrei Tarkovsky e o *2001* de Stanley Kubrick. Por isso o feito neste artigo é uma pequena interpretação, mas fica o aviso: a tecnologia pode muito bem ser um campo ideológico problemático dependendo dos nossos referenciais de leituras, culturais, fílmicos, etc.

não foi “conquistado”. E Lem vai nos dizer ainda que “não precisamos de nenhum outro mundo” e sim que “precisamos de espelhos” (LEM, 2017, p. 117). Ao forjar o mundo – no caso de seu livro, tentar entender um outro mundo pelos nossos artefatos do conhecimento e tecnologias – pelas tecnologias deixamos de entender o que há nas tecnologias que é parte de nós e aquilo que nos escapa, que não mais é o que somos. Ao querer tudo submeter esquecemos que há um outro e nesse outro – neste caso a digitalização e a informática – pode acontecer de sermos submetidos. E se a tecnociência – entre elas as digitais – são elevadas a um outro de nós, não mais saberemos o que somos.

2. Referencial Teórico

As estruturas das tecnologias digitais e informatizadas – como referido em nota anterior portadoras de grande complexidade no entrecruzamento de várias outras tecnologias, transpassadas por vários campos e desenvolvimentos dentro das tecnociências – potencializam capacidades sociais de diversas maneiras. Potencializam desde interações sociais – campo mais do que propalado e o primeiro lembrado dentro das estruturas ideológicas e imaginárias do senso comum⁷ – até gerenciamento de recursos econômicos de forma mais eficiente dentro de um quadro de problemas como fome, moradias, desastres ambientais. Essa potencialização, no entanto, em nada justifica ou nada colabora quando as mesmas tecnologias retiram o potencial técnico humano. Em outros termos: quando há uma sobreposição da tecnociência como campo de estudos e de interação social e política isolada do restante da sociedade ou mesmo contra ela na forma de sujeição. É neste ponto intrigante que técnica como ato humano está fortemente separada de tecnologia e as tecnologias digitais e informatizadas como aquelas que não apenas separam um do outro, mas ainda constroem o ato humano de pensar. Ao contrário do século XIX e parte do século XX, as tecnologias digitais não são parte da esfera dos “braços”, aquilo que é prolongamento do corpo, mas prolongamentos do pensar humano (DUNLEY, 2005).

As técnicas são uma expressão do ser humano como linguagem, como uma forma de expressar o seu ato mesmo de fazer o que faz. As tecnologias, dentro desta perspectiva, ganham um corpo de linguagem também e em vários sentidos, porém destacam-se das técnicas por serem expressões de objetificação e materializadas socialmente. O significado de materializado neste ponto não é somente de matéria, mas exteriorizar e objetificar certos processos de fazer humano. E não se trata de pensar ou construir mentalmente a imagem de um indivíduo solitário empreendendo suas técnicas e desabrochando tecnologias. Essa imagem é bastante devedora do século XIX: seja pela via da genialidade dos românticos, seja pela via do “capitão de indústria” – aquele homem que sozinho empreendeu e, claro, lhe cabe a fatia do lucro e da riqueza.

⁷ Nunca é demais insistir: o senso comum é um indicador interessante de como é a sociedade. No entanto, não se constrói conhecimento acadêmico com o mesmo.

Desnecessário dizer que essa imagem – e toda imagem é o atravessamento do simbólico no individual formando no sujeito uma ideologia – é aquela que fundamenta o empreendedorismo bem como o conceito de inovação.⁸

Dentro dessa perspectiva é que colocamos a técnica como linguagem e as tecnologias como uma dada narrativa incorporada à sociedade e à história de tal forma que este incorporar distancia mais ou menos os sujeitos da sua ação de se fazerem técnicos e de terem para si as tecnologias e sua incorporação ao seu fazer e à sua vida. A técnica transforma-se assim em ato humano puro, seu fazer como técnica de se tornar humano. Não cabem mais aquelas perguntas sobre a distinção do *Homo sapiens* em relação aos outros animais. Nenhuma é a melhor resposta, a não ser determinadas maneira de se fazer, determinadas técnicas que o moldam de *Homo sapiens* em ser humano. Ao expressar a técnica como linguagem inscreve-se para nós um mundo, o mundo humano: é essa linguagem que nos constrói.

No entanto, ao isolar a tecnociência – como acontece com as transformações digitais e informáticas – em uma linguagem de alguns, linguagem de determinados especialistas, determinados técnicos e, claro, a raiz desse isolamento todo, determinados grandes conglomerados econômicos, isolamos o ato humano técnico de ato para ser livre. É neste momento que a potência se transforma em sujeição: as redes sociais se transformam em condicionamento de comportamentos e não em condicionamento de intersubjetividade, por exemplo.

Cabe, sem dúvida, uma passagem muito instigante e interessante de Marcuse neste ponto sem jamais esquecer que a data original da citação é 1964:

As aptidões (intelectuais e materiais) da sociedade contemporânea são incomensuravelmente maiores do que nunca dantes – o que significa que o alcance da dominação da sociedade sobre o indivíduo é incomensuravelmente maior do que nunca dantes. A nossa sociedade se distingue por conquistar as forças sociais centrífugas mais pela Tecnologia do que pelo Terror, com dúplice base numa eficiência esmagadora e num padrão de vida crescente. (MARCUSE, 1973, p. 14)

A consciência – e com ela a técnica humana como ato de si – só conhece uma lei moral para enfrentar o trágico tempo: o dever e o hábito (SHÖPKE, 2012, p. 36). Pela generalidade enfrentamos e repetimos todos os dias as mesmas ações. Neste caso a consciência em Deleuze está subordinada à repetição como imagem da natureza. Mas não é qualquer natureza: é natureza cruzada, atravessada por determinada concepção de ciência e de tecnociência. A

⁸ O conceito de inovação e empreendedorismo poderiam ser mais bem aproveitados se não fossem dados, no jogo da linguagem (e todo jogo é poder e o da linguagem é poder simbólico sobre o outro) atual, como questões dadas e jamais discutidas e “peneiradas” intelectualmente. Em outros termos: se é dado como *pronto*, é dado como senso comum, logo, jogo de poder de sujeição a um discurso; neste caso o discurso ideológico do empreendedorismo.

natureza nunca é, em si mesma, não-diferença. São longas permanências de algo, mas pura diferença em tudo também.

Na interface oferecida para nós em nossa sociedade contemporânea de forma múltipla entre as tecnologias da cognição, as tecnologias digitais, TICs, consciência e técnica, há mais elementos a se juntar à problemática da repetição como a *pulsão de morte* (FREUD, 2010; GIACOIA, 2008). Por este viés as transformações digitais deixam seu potencial interativo para a realidade que temos: a sujeição.

Assim, repetimos o mesmo dentro de um princípio de realidade no sentido de estarmos entre os outros e repetimos a nós mesmos dentro de um inconsciente que não é e nem nunca foi campo do oculto do indivíduo: o inconsciente é a política, pois o inconsciente é o ato social mais profundo e violento posto em nós. Essa repetição nos coloca dentro de uma generalidade como tempo: fluímos nosso tempo no desespero de um amanhã que nunca chega e o sofá é o maior símbolo de nossa procrastinação. O tempo repetido de nossas vidas pelo conjunto tecnológico que nos entorpece (tal qual Ulisses e os comedores de lótus) é a compra de nossas vidas na generalidade: estamos e fazemos como todos. É esse novo campo do simbólico posto pelas novas tecnologias como “próteses da consciência” (DUNLEY, 2005) e por meio dessa é que nos colocamos no supereu pós-moderno (ŽIŽEK, 1999). Todo o campo dessa tecnologia infiltrada em nossas vidas faz em nós uma determinada técnica de se fazer humanos, fazer nossa subjetividade e encerrar em si determinada sujeição. A questão final que fica: queremos essa política da técnica? Queremos escrever o mundo ou escrever nele?⁹

3. Método

O método utilizado foi o analítico e transdisciplinar. Não seria possível abordar tal assunto sem um processo de:

1) exposição dos conceitos em sua evidência totalmente apreensível, em suas manifestações mais explícitas; demonstrar o significado dos conceitos e tentar ao máximo possível duvidar dos conceitos; o ato de pensar nunca é gratuito e deve ser um pensar os próprios conceitos. Sem isso o que se faz é apenas reproduzir e não exercer o poder intelectual;

2) articulação dos conceitos em uma teia de significações: como os mesmos estão integrados com outros conceitos, processos históricos, relação

⁹ Em um episódio da terceira temporada de “Arquivo X” um determinado conspirador, um senhor de muita idade e sabedor dos “segredos mais profundos” (como nos alerta Safranski, teoria da conspiração é filosofia da história para as massas, mas a indústria cultural, no entanto, fornece seus encantos com séries icônicas como “Arquivo X”) diz a agente Scully que a melhor forma de prever o futuro é inventá-lo. As nossas “próteses de consciência” não têm feito isso ao nos fazer repetir eternamente os mesmos gestos?

dos conceitos com as realidades sociais, políticas, culturais, etc.; para além de interdisciplinaridade, é a transdisciplinaridade;

3) por fim, após todo esse processo de evidenciar e depois misturar os conceitos, apresentá-los depurados em nova chave, em nova aparência, como resultado. O que significa traduzir ideias em novas ideias e aumentar o campo das significações acadêmicas.

No jogo desses tópicos construiu-se a metodologia desse artigo. E não poderia ser por menos: as problemáticas abordadas são graves e preocupantes. São problemáticas inscrevendo-se no centro de discussões sobre o significado de democracia e de liberdade. Afinal, atentemos para o próprio tema do XIII Workshop: gestar o que se não se pode fazê-lo com liberdade ou em pleno processo de discussão e interlocução democrática? Sem isso não há diálogo, mas silêncio ou gritos: nos dois casos – calar ou gritar – temos a falência de qualquer ato humano e de qualquer sociedade possível.

4. Resultados e Discussão

As transformações digitais são, assim, fruto de todo um complexo tecnológico de inovações, invenções, desenvolvimentos no campo da ciência e tecnologia desde a II Grande Guerra. Por isso dissemos e afirmamos a impossibilidade de pensar a inovação e a gestão sem antes pensarmos estas, ou seja, o campo das transformações digitais e informáticas e como elas ocorreram.

Por sua vez, sendo um campo complexo e envolvendo tantas articulações, tais transformações não ocorreriam sem uma quantidade gigantesca de recursos. Isso é um fato. A questão é quem deverá colocar esses recursos econômicos e como os mesmos serão posteriormente gestados. Esses recursos e as construções tecnológicas pelos mesmos permitidas serão parte de um processo social de interlocução ou de dominação: esta é a questão de fundo que permeia todo este artigo e no qual foram apresentadas algumas das formas pelas quais a dominação/sujeição ocorrem de forma renovada em pleno século XXI.

5. Considerações finais

Tencionou-se demonstrar neste artigo de maneira breve e a mais sintética possível os caminhos desenvolvidos pelas tecnologias em qualquer de seus campos. Esse caminho é sempre um processo de interação social e não tem como não o ser. É parte de nosso existir humano. Mas, como esse existir é histórico e configurado em sociedades diferentes dentro de relações de força diferentes temos outras problemáticas. A questão principal põe-se na forma de

se esse processo de interação atravessada pelas tecnologias serão desenvolvidas dentro de quais relações sociais e políticas: como potência de transformações ou como sujeição.

No caso das transformações digitais e seu inevitável acompanhamento por conta dos processos informáticos, microeletrônicos e TICs que se constituem num vasto complexo articulador desde a II Guerra, a problemática coloca-se historicamente dentro de uma específica configuração social e econômica. Por este caminho tem-se um novo patamar possível de sujeição, “próteses da consciência”, extensões da consciência levadas para determinado sentido histórico da intersubjetividade: aquele que não nos garante o diálogo, porém o silêncio, a “gritaria” e, portanto, da sujeição.

Referências

DUNLEY, G. **A festa tecnológica**: o trágico e a crítica da cultura informacional. São Paulo/Rio de Janeiro: Escuta/Fiocruz, 2005.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. In: Obras Completas, vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIACOIA JR. O. **Além do princípio do prazer**: um dualismo incontornável. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEM, Stanislaw. **Solaris**. São Paulo: Aleph, 2017.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. Ed. 4. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

ROMANO, Roberto. **Conservadorismo romântico**: origem do totalitarismo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SHÖPKE, R. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ŽIŽEK, S. “O supereu pós-moderno”. Folha de São Paulo, 23 de maio de 1999.

* * *